# Poesia sem pátria e sem verdade

*Ricardo Daunt*

# Verão no Quartier Latin

# I

O som do copo de plástico
ao ser amassado,
a mesa sem febre e o calor
que atravessa a janela e penetra
pela cantaria, pelos ossos.
O sabor acre do ar,
o sal escorrendo pelos lábios.
Apenas impressões comuns.
Através da sensação de angústia metafísica,
as três lâmpadas, espalhadas pelo cômodo,
contribuem como advertências
de que a despeito de tudo o tempo escorre
pelos dedos.
Um pensamento malbaratado
e guardado em seguida na gaveta poeirenta
da mente estúpida e vazia
adverte que a vida não reinventa o ser.

Há ainda contida
uma lágrima que não extravasa
e não percorre as ranhuras metálicas
do rosto:
virulenta peste do olhar
perdido no estrábico transitar urbano;
escassa inclinação para dizer,
ainda assim abafada entre paredes.
Nariz e boca, cílios e poros,
polivalentes insensíveis.
Talvez inúteis
para as tarefas animais.

O bidê e o lavabo como monumentos
acanhados, erigidos em cada
quarto alugado de hotel,
denunciando as canhestras adaptações
ao espaço dos velhos prédios
estão por todo lugar,
também ali, ao redor do poeta.
Sob o lavabo, uma caixa de papelão,
à guisa de lixeira e cinzeiro.
Ao redor de cada quarto, vozes, gramáticas
estrangeiras em altos decibéis
pronunciadas.
Querem o mesmo, o distinto;
incluso o corpo gêmeo inexplorado;
e a vertigem impossível.

## II

Os pés sobem as escadas
íngremes estreitas de hotéis.
Luzes à passagem; baças,
esgurgitando espirais de fumaça
de antigos cigarros fumados.
Roçagar de couro gasto de solas,
em madeira gasta de degraus encardidos.
Um leve aceno perdido
ao passar defronte pelo portier.
Um sacudir de chaves aquecidas
nos bolsos.
O número da sorte inscrito.
Gesto contemporâneo -- abrir e fechar.

Fechar-se em si mesmo.
Paredes gasosas e rubras.
Furúnculos pululam do teto,
antigos banhos de vinho;
ejaculações doloridas,
sílabas de antigas palavras disseminadas.
Ranço de cigarro barato, comprado
no Tabac da vizinhança.
Contar os francos que sobraram.
Esperar pelos que vêm em boa hora,
guardar os fragmentos mentais da noite,
repercorrer com os olhos
mapas assinalados; e reler bilhetes
com recados sem destinatário.

## III -- O estrangeiro

Nada. Nenhum apelo pessoal das ruas.
Ninguém interpela o estrangeiro.
É verão no Quartier Latin.

Expõem nas calçadas de comércio
roupas e adereços protegidos
da luz inclemente do sol,
por folhas transparentes de celofane azul.
Contemporizam os cafés
com os seus menus de última hora.
Desfilam pelas calçadas e muros
as almas desejadas e corruptíveis,

os cartazes que vendem em várias línguas
e os affiches mentirosos das esquinas.
Sujam-se os parques de papéis verdes
e as pombas do Luxembourg engordam
sem nada dizer.
Fotografa-se hoje o mundo;
Reinventa-se a realidade
nos editoriais do Le Figaro e France-Soir.

Enrodilha-se em um banco de jardim
o casal japonês com desdém do negro,
exibindo louras e balangandãs,
troçando do restaurante árabe,
na última hora, antes da chuva,
aberto para o jantar.
Revida o restaurateur francês
com menus com longos nomes
desentranhados de porões avoengos,
enquanto latinos do sul-ocidental
espezinham o mundo inteiro
antes de dormir,
com suas preces
e seu crescimento populacional.
Janta feliz o rubicundo alemão
com a alemoa,
cevados em largos copos de cerveja
e fala baixa e conspícua.
Fotografa hoje e sempre;
compra hoje e sempre e tudo
o que há para comprar
o americano de jeans e mochila,
o americano de terno xadrez,
gravata borboleta e sapatos de duas cores.
O casal passado da Califórnia janta,

mas preferiria jogar em Montecarlo.
Jack, o estripador, ronda só, melancólico,
pelos degraus da Sorbonne.
O árabe cochicha nos ouvidos de outro;
trocam olhares cor de muro gasto.
O holandês desliza pela calçada
com seu estoque pessoal de maconha
em busca de uma discoteca.
Servem, sempre, sempre servem,
pois são serviçais,
a camareira, o porteiro, o gari,
o operário não especializado,
e o principiante da vida,
todos portugueses.

## IV -- As ruas

Volteiam vicariamente as ruas.
Desdobram-se, bifurcam-se,
multiplicam-se, copiam-se,
espicaçantes e triviais,
cultivando nos passantes
um crescente desejo
e ânsia de registrá-las
como coisa viva,
em mentes agitadas
e máquinas fotográficas.
Eles as querem
a cada hora do dia
e sobretudo da noite.

Em seu subsolo flui
uma música que não convida,
apenas estremece e perturba.
E um ventilador sobre as mesas
dos restaurantes
mistura odores e os atira
por sobre os telhados.
São cheiros e preços sem par.
E velas crepitantes
(o verão é crepitante!)
convidam falsos casais enlaçados.

Nas ruas fala-se em tantas línguas
que mesmo o desentendimento imediato
enseja acordos prontos e convites reiterados.
Homens embebidos em álcool
exibem-se nas praças e largos;
mastigam sem espanto
o fogo em baforadas,
por um franco ou pelo que vier.

Acordam tarde as ruas do Quartier Latin
e já se levantam iluminadas,
esvaídas em suor e fingimento.
É o verão dentro da garrafa?

## V -- O homem / A volta

Cansada e bêbada sai a manhã.
Dúbia e olorosa.

Suas asas de cobre ricocheteiam
nos sinos ululantes
dos campanários úmidos.
Esquadrilhas de Mirages
estilhaçam compêndios de sonhos
no céu de brasa azulada.
Acorda o homem que pouco dormiu,
pronto e vestido para morrer.
Ouve o atroar da concierge,
maldizendo as fezes
do cão largadas em desesperado gesto,
sobre suas alpercatas velhas.
Janelas húngaras,
inglesas, francesas, argelinas
despejam na luz matinal seu escarro
e um corpo nu no cio.
Surgem das sombras edifícios cinzentos,
autarquias e projetos de discursos.
Da cantaria brotam soluços,
dos novos cartazes recém-colados, soluções.
O senhorio escarnece do mau pagador,
que promete não beber mais,
não fumar mais, não comer mais,
até pagar o que deve.
Galga as escadas o estrangeiro
que atravessou a noite.
Recolhe os verbos difíceis
nos bolsos de sua roupa suja,
e entra em casa sem palavras.
As horas do dia avançam
por sobre a fuligem, a mendicância
e o almoço dos favorecidos.

## VI- Final de dia

Às cinco horas sempre às cinco
todos marcam encontro
às cinco no café.
Às cinco horas, às cinco horas
na mesma mesa da janela
defronte a nenhuma praça.
Às cinco horas todos chegam
atrasados às cinco horas.
E o homem que falta na mesa
às cinco horas deitou
sob as rodas perdidas
de uma motocicleta.
Às cinco horas, Quartier Latin;
Às cinco chegam desavisados.
Refocilado, revigorado,
o bar convoca para a noite os notívagos,
e novos cotovelos para os balcões e mesas;
o bar chamado Café,
do garçom chamado Pierre,
ou François.
Abre-se o bistrot
de Margueritte ou de Mme. Dubois,
com suas caixas registradoras
atapetadas de níqueis e comandas;
com croques monsieur e vinho ordinário,
se calhar um ementhal no pão,
e um café expresso.
O estrangeiro procura aqui e ali
um rosto cuja alma branda de cerveja
ele identifique e beije.
Aproxima-se dele o garçom,
cujo semblante jamais foi iluminado

diretamente pela luz do dia.
Não trocam confidências.
Apenas negociam.
O estrangeiro pede-lhe o Sol
e as melhores fotos das ruínas de Paris.
Pierre -- ou François -- anota em seu caderno:
un jambon, un café, un verre d'eau.
Para já.
O estrangeiro quer saber da vida
safada, da vida fácil,
e da grande atividade cultural,
que em algum canto dizem existir,
ou por todo o canto, quiçá.
Pierre ou François risca o pedido,
sugere que vá para outro lugar,
talvez para o Taiti
ou para o Brasil,
onde, dizem, é sempre carnaval.

O estrangeiro parte,
recordando-se de que um dia desfilou
o carnaval debaixo de sua janela quente.
Mas ela estava fechada em conspirações
revolucionárias, com chilenos
que perderam Allende para sempre;
com peruanos que esqueceram seu passado heróico;
com bolivianos que nunca viram o mar;
com cubanos blindados de fuzis russos e lições
de Fidel.
(Entre um e outro balaço imaginário,
em seu ditador nacional,
sonhavam eles com um prazer pessoal
sempre mais necessário;
com uma noite parisiense

em companhia de húngaras gordas
e dialéticas, ouvindo Piaf;
com suecas livres e sem política.
Depois de tudo,
com um regresso em triunfo e o peito de medalhas,
e numa sinecura no futuro
governo democrático.)
No entanto, que pena,
seus cigarros incendiavam
mais, muito mais do que suas ideias.
Sua volúpia pelo álcool
era muito maior de que a de vingança
e justiça.

O estrangeiro segue pelas ruas,
ansiando perdê-las pelo caminho;
extraviar-se nelas, embaralhá-las,
para não se encontrar mais.
E se deparasse um rosto familiar,
comprometedor,
de uma voz aliciante,
que jamais lhe dissesse a verdade crua,
e que o convidasse para uma valsa?
As luzes do Quartier Latin
estão novamente acesas.[1]

[1] Escrito em Paris no verão de 1975, revisitado em março e abril de 2000 e novamente em abril de 2015. Este poema foi alterado em diversas oportunidades, e mais profundamente em sua derradeira revisão, entretanto julguei necessário preservar incólume um certo ar de juventude que o poema respira, o que só é possível quando se tem 25 anos. Não sei se agi bem.

## Artista abandonado

Quando as luzes se acenderam
no teatro,
ele se sentiu subitamente
como o firmamento em fogo;
a eternidade das chamas
crepitando sob a redoma de seu espírito.
Entretanto, à sua frente vislumbrou
somente
um gélido planeta estéril de rostos, sem rios
e sem memória.
Nem mesmo um sussurro
em sua homenagem,
nem mesmo um gesto isolado
de protesto.
Apenas se ouviu o farfalhar das cortinas
penduradas bem alto,
esvoaçando esgarçadas
pelo uso, sobre a ribalta,
aguardando impacientes
que partisse.[2]

[2] Escrito em maio de 1989, revisitado e reescrito em março de 2000 e em maio de 2015.

## Confissão a Brunilde

Não escrevo mais
poemas, Brunilde.
Faço contas do dinheiro
que devo, e reconto
os escassos proventos
que às vezes recebo.
Apenas faço contas, Brunilde,
com uma caneta de ponta
afiada, sobre a tua pele.

Não amo mais
nossos corpos, Brunilde.
Faço contas e conto
os dias que perdi
vivendo sem viver.
Apenas faço contas
com a faca rombuda
do espírito, esfolando tua pele.

Não canto mais
canções de amor, Brunilde.
Faço contas
pronunciando números com minha voz
de barítono, e os números

são as únicas manifestações
que nossos ouvidos
registram lastimosos.
Não canto mais, Brunilde,
apenas faço contas
com minha voz rascante,
cujo timbre
estremece a penugem da tua pele,
e depois, como uma adaga
atirada ao vento, desaparece
como uma mórbida lembrança.[3]

[3] Escrito em agosto de 2001.

## Poemeto escolar

Tocando dia após dia, uma a uma, as folhas datilografadas
do teu trabalho escolar,
tenho a sensação de te despetalar lentamente;
de te fabricar inteira a cada página;
de te reproduzir multiplicadamente a cada Palavra.

Estremeço, então, sob uma convulsão de tinta;
meu corpo auditivo te escuta interssílabas
e se entranha na pele sub-oral do teu gesto.

Somos o universo intrasentidos,
a sensação não dita e pré-vocabular.
Se eu dissesse que éramos o ar,
era boa rima, mas má poesia.
Se eu dissesse que éramos amar,
seria boa controvérsia linguística, quase um ímã
sobre o mar a nos atar.
Faltar-te-ia o ar?[4]

[4] Escrito provavelmente em 1996 ou no início do ano seguinte.

## Lindalva ou Lindanor
(poema dialogal)

-- Como foi a sua vida? pergunta Lindalva.
-- Entre luz e treva.
(A calçada de Copacabana na linha da praia
se distende sempre, dedos ásperos
despontam do mosaico de ondas e nódoas,
ainda me lembro.)
-- Como assim?
-- Numa ponta, no posto 6, morri: treva, explico,
abusando da liberdade poética.
-- Na outra, no Leme, no posto 1, nasci: luz.
-- Posto 1? confere Lindalva, entabulando contas,
apurando os ouvidos.
Seus olhos também procurando entender tudo.
-- Mas havia estrelas no chão -- procuro redimir-me
do excesso de pessimismo. -- Estrelas pelo caminho.
-- No chão? indaga ela.
(Terá ouvido bem?)
-- Misturadas a muita areia, infelizmente.
Mas eu não via, não via. Via só a areia, a areia
e a distância e os dedos de graxa do piso,
tocando a sola dos meus sapatos, de leve.
Acabei cansando no meio do caminho.
E fiquei entre luz e treva.

Fiquei com a dor. Estou ainda com a dor --
disse como se confidência fosse
e não raso lirismo de circunstância.
-- Não sou Lindanor, sou Lindalva, corrigiu ela,
com os olhinhos apertados e a audição pouca.
-- Lindanor é minha irmã,
uma que mora no Engenho de Dentro.
-- Ah, sei.[5]

[5] Escrito em maio de 2003.

## Óbito de um homem

Os jornais anunciam
que teu corpo morreu. Incontinenti
cancelaram tuas passagens
por via férrea, aérea e terrestre,
teu horário no dentista,
tua conferência sobre alquimia;
o sorriso prometido e cobiçado
por tua mulher.
Estás só, abraçado à morte.
(Que hálito medonho!)

Nada de feijoadas e grogues,
de versos novos e prole;
de música chilena e vinhos.
Sucumbiste.
E nem contas a pagar deixaste.
Apenas tua perfeição intransferível
e tua lápide por fazer.[6]

[6] Escrito em julho de 2003.

# Marinhas

1

Não inventei o mundo
das palavras
como Anchieta sobre a praia
virgem.
Nem tive o que gravar
na areia sempre igual da minha vida.
Registrei, à luz do poente,
momentos inaudíveis antes do mar chegar.
Nem palavras eram.
Não eram nem palavras
o que brandamente a água apagou.
Prevaleceu sobre o meu
o idioma do mar.[7]

[7] Escrito em fevereiro de 2004.

## 2- Ondas

Eram  peixes em fogo, cardumes alucinados
o que eu via.
Cavalgavam encilhados no lombo das ondas
enquanto a luz
do poente os feria.

Eram lanhos em prata e ouro multiplicados.
azinhavrados alguns,
terrosos e calcários outros.
E a pele da água fremia iluminada
de dor ou prazer
eu não sabia.

O vento e as correntes compeliam-nos
para fora,
para longe,
para o mais fundo.
Os peixes em toda parte,
prenhes de luz e de fúria,
corcoveando sempre.

A brasa da vida os marcara.
Mar a dentro eu os seguia;
com os olhos ao menos os seguia,

por instantes fugindo da noite
que vinha.[8]

[8] Escrito em março de 2004.

## 3 - Paisagens
(plágio múltiplo)

Sou mar,
quisera ser porto.
Sou rio,
quisera ser poço.
Acomodar-me
em um posto;
ser habitual
como um lago;
simplificar-me,
banalizar-me,
comprazer-me sempre.
Por nada amar-me.
Jamais um desgosto.

Mas qual, sou correnteza
perdida ao largo do canal.
Engolfa-me, sufoca-me
a energia que aplico.
O que me faz
é o que me desfaz.
Sempre oceano,
jamais a pedra do fundo.
Sempre o movimento,
jamais o aconchego justo.

Sou mar mar mar.[9]

[9] Escrito em março de 2004.

## 4 - Narciso cego

A pele do mar
cobre a calma enseada.
Tem a aparência de um imenso
linóleo estirado meticulosamente
sobre um chão liso.
No entanto, ele nada via.
Apenas pressentia,
ao tocar com a ponta dos pés
a superfície desse mundo aquático
tão estranhamente incorruptível.

Um abalo, um estrondo.
Repentinamente seu corpo consegue
avançar e principia a romper com esforço
a armadura estagnada das águas.
À certa altura, cansado de lutar
e forcejar como a quilha de um barco
procurando romper o gelo ártico, para.
Curva o pesçoco para frente,
quer mirar seu rosto como outrora,
no espelho de cristal da água,
mas seus olhos nada veem.
Seu olfato, no entanto, acusa um aroma
salino e acre que só
as manhãs quentes sabem extrair

do movimento das ondas.
Ansiava por reviver o amor
que o unira a si mesmo um dia;
reconhecer as anelantes expressões
em seu rosto cativo.
Mas apenas sentia
os odores marinhos
sempre mais intensos,
como se estivesse cada vez
mais próximo do corpo
de outro.

Algas enroscam-se em seus ombros
à medida que abre caminho.
Puxam-no para baixo com força.
Narciso resiste a princípio,
pois tudo é novo.
Depois cede
ao destino inevitável.
Seu corpo enfim envolto pelas águas.
Quantas bocas o beijam agora.[10]

[10] Escrito em abril de 2004.

## 5 - Sea promise
(A tribute to the metaphysical poets)

The sea is something I have never seen.
I lay this dream by me
when I think of thee,
eager to hear its unending murmur
and breath. And far
pounding on rocks and reefs
its crushing voice
(the call of outer life scratching the door).

Waves it is told are part of it
its life and motion.
Upon the sea's oily skin
they ride exhibiting white pearls locks,
sometimes laces
(like the shawl around your many faces).
In those places where sandpipers lower glide
before reaching out what is firm and steady
no sea abided.

Waves in other places far away resemble
(I suspect)
the smooth trace of your perused hips
many times by nature copied

and mingled and interweaved,
floating far from censured eyes.
To guess I close mine, to fancy
the seaweeds, your body alike,
being conquered (sea am I)
by the liquids of mine.[11]

[fim das “Marinhas”]

[11] Escrito em Campos do Jordão, dia 9 de maio de 2004.

## Atracado na Bahia

o mar aborda Ilhéus. Uma linha constante fende o horizonte. Abaixo, o recorte azul vibrante, salpicado de açúcares. Acima a esteira de céu, de um azul mais claro, quase verde; espaço aéreo atropelado por lombos brancos, encadeados. O fio que separa esses dois espaços é constante, direto, estirado para adiante do alcance. O mundo é um platô indiferente ao tempo; o mar açambarca o espaço da visão incauta; distende-se por sobre as pedras e arrecifes, até o território em que a memória não é mais necessária. A lua crescente se dependura inútil sobre o rastilho de fogo da tarde.

Olhos.[12]

[12] Escrito em fevereiro de 1996.

## Schubert em Zurich

Um poema de juvenília, desentranhado
ao acaso de um maço de papéis, sacode
meu espírito. Recordo as águas cinza-azuladas
do lago de Zurich através de uma janela
de um quarto de hotel nas cercanias da cidade.
Schubert esgueira-se pelas frinchas
de um rádio de caixa branca com mostrador
dourado. O telefone toca. Uma voz profissional
me intima a agir: "uma fraulein o espera,
e tem muita pressa".  Desligo. A música
de Schubert cresce, a campainha de um bonde
elétrico intromete-se em minha música, súbita, urgente.

Abro as vidraças, o lago entra pela retina.
O frio me envolve e o vento crispa um rosto
que era eternamente jovem, e que ainda
assim parecia o meu.
Naquele dia do passado desejei mais um minuto,
mas o telefone é uma convocação
que não transige. "Já desço, mais um minuto."
Estou acometido de um novo tipo de febre,
querendo tudo mais longe de mim.
É preciso que o concerto termine,
que o bonde deixe
de ser a memória de um bonde que se foi,

que meu rosto enregelado absorva a insanidade
do vento invernal, que permaneça
debruçado sobre a janela
até que me canse de olhar as águas corcoveantes
do lago. As águas, as ondas.
Era como se buscassem romper
os limites impostos pelas margens, para abordar
o mar imaginável.

Quero mais um minuto, uma voz adstringente
promete outra composição de Schubert.
Agora não, mais um minuto. Desligo o rádio,
atiro-me na cama. Estou febril realmente.
O telefone toca, penso nas derradeiras notas
da música e pensar nisso é melhor do que ouvir.
Penso no bonde que não mais existe, que abandonou
a paisagem sonora da minha vida para sempre,
penso no lago encapelado, no horizonte que vira
da janela há instantes, e que embaraçava céu e lago.
Ergo-me, fecho a janela, deito-me.
Quero um minuto ainda, o telefone insiste.
O telefone emudece. O silêncio é um coágulo
em um ponto fixo do foco mental. Hipnotiza-me
com sua arrebatadora capacidade de a qualquer
momento desaglutinar-se sob a mais leve
manifestação de vida.
Basta uma tênue vibração do mundo,
um passo sobre o soalho do corredor,
um monossílabo deslizando pelo forro
do velho casarão.

Entretanto nada disso acontece.
Penso que não respiro mais,

que sou aquele horizonte,
articulação muda de água e céu,
e que meu coração eternamente jovem
parou de bater naquela tarde em Zurich,
quando temia, até, que se me movesse
o mundo recém-construído se dissiparia.
E ele era a melhor coisa que criara
em muitos anos.

Ao poema de juvenília colara-se uma folha
de papel com o timbre do hotel de Zurich.
Timbre delido, nome quase delido,
que com dificuldade leio.
Trazia duas linhas secas e magoadas,
construídas a pique,
vertiginosas como os ponteiros imóveis
de um relógio.
Com elas, fizera um verso, depois um poema,
que dialogava com o desencontro e o silêncio.[13]

[13] Escrito em Zurich no inverno de 1972 e reescrito em São Paulo, em 2005.

## Despojamento

Dia insólito.
Tudo cai-me das mãos.
Minha própria energia se vai,
em meio a papéis, contas e livros,
que manuseio e tão-logo os toco
escapam por entre meus dedos.

Sinto-me ceifado
como um feixe
de trigo amarelo
no eito.
Como arbusto brutalmente
desenraizado.

Sinto-me desvestido
de minha roupagem humana;
daquilo que alguns chamam
de autodomínio, determinação.

Sinto-me dilapidado
de uma fortuna espiritual
que supus assegurada.

E nem mesmo tenho forças
para desagradar-me
do que sou.

O mundo, farto, abandona-me.
Nem mesmo relega-me
como espólio
seu triste noticiário de sempre.
E a luz do sol escoa
por meus ossos
de vidro.

Sinto-me obtuso como um ponto.
E impotente como o olhar
debruçado sobre o abismo.

Dia insólito.
Sinto-me impróprio
para o ódio e o amor.
Impróprio para defender
minha verdade única,
mentira de todos nós.
Impróprio para restituir
ao mundo sua intransigência.

Se pudesse, calar-me-ia
como pedra, mas nem pedra serei
um dia.
Dia insólito, noite em mim,

Noite vou.[14]

[14] Escrito em Campos do Jordão em setembro de 2004.

## Estrada 1

Quanto mais estrada vejo,
menos de mim estendo.
Retraio-me
quanto mais
alargo o passo.
E perco-me
quanto mais
alcanço o traço
que de mim
não faço.

Percorro-me  cheio de dúvidas
a serem sanadas,
e com agudas perquirições mentais;
como se o sentido
não estivesse em nenhum lugar de mim
e o galope do meu ser
na direção de um futuro qualquer,
ou de uma resposta convincente,
perdesse as asas ligeiras
que brotaram no começo dessa empreita.
Busco então respostas no sonho,
mas nele não há sonhos mais.[15]

[15] Escrito em São Paulo, dia 18 de junho de 2005.

## Las putas

Tenho-as como grandes consulentes
na arte de caminhar pelas ruas.
Olhando-as passar aprendo
como as calçadas são irregulares
e longas
e como o destino é incerto e obscuro.
Mas isso não basta.
Nem para mim, nem para ti.

É preciso também segui-las,
conviver com elas,
para assim não te perderes
        na mesmice do escritório
de contabilidade em que trabalhas.

Ama-as anonimamente
como amas o verão
e a rede no alpendre
        que sonhas ter
quando a vilegiatura dos impotentes
for o apanágio de tua existência.

Inspira-te em mim, se quiseres,
no meu olhar despreocupado.

Minha imaginação ociosa
percorre as calçadas
(sempre em busca delas
e de tudo o mais que possa amealhar)
e tudo o que vejo
guardo no aconchego
das minhas ideias e concepções
acerca da vida.

Escorre-me a saliva
ao vê-las ariscas.
Confesso que elas
são o centro de meu interesse,
o grande modelo de meu espírito
e minha fonte de inspiração,

embora enjoa-me por vezes
vê-las distraídas,
como submissas iscas.
Os chistes que atiram
umas às outras, então,
arrefecem meu ânimo.
Mas por fim, tudo isso eu perdoo,
pois o que me amansa e enternece
acima de tudo
são suas bundas promissoras
e seus saltos altos triscando
o asfalto
quando atravessam complexas
um cortejo de carros.
Nessas ocasiões tenho-as
Como as donas do mundo.

Resistindo ao forte apelo, chamo-as
sem chamar.
E em meu peito uma alegria
urbana, devassa, jorra.

Las putas, tenho-as
como companheiras de jornada,
dessa mesma estrada
que me serve de caminho.

Convoco-te. Vá, é preciso,
pela calçada com malícia vagarosa.
Chama-as de irmãs e mães.
De primas e amigas,
se não puderes
fazer mais por elas
e por ti.

Mas segue-as sempre
com teus olhos burocráticos,
em busca de cura.
Despoja-te se puderes
do que não tens e olha-as
e as admira e pensa nelas,
quando estiveres
em tua prisão de papel.[16]

[16] Escrito em São Paulo nos dias 27 e 28 de julho de 2005 e revisto em maio de 2015.

## Estrada 2

Há mais silêncio no fim da estrada
que no começo.
É como a beira do precipício
sem passagem longe,
alguma.
É como o feitiço que embrutece
e não sublima.

No fim da estrada
nem mesmo há o asfalto,
uma placa,
um aviso,
ou uma voz humana
para aconselhar o erro,
refazer o destino.
Nem mesmo a promessa
aérea
de um dia seguir.

No fim da estrada
é só um basta,
Arre!, passa!
E depois mais nada.
Só a pergunta e a vontade lassa:

se não vou mais,
para onde não ir?[17]

[17] Escrito em São Paulo, em 2005.

## Flor de cristal
(plágio de um verso
de Neruda jovem)

Tu te miras, miro-me
e a ti.
Tua carne poderosa
se desfez na glória dos dias
que não tivemos.
Teu olhar de encantamento
desapareceu na poalha
de nossos rastros.
Tua seiva e a minha
coagularam e arestas graves
borbulham nos nossos sonhos
sem voz.
Nada verdeja ou sol ilumina
para além da curva
que declina.

Eu te miro, tu a mim.
Entre nós vicejam visões disparatadas
de momentos que não tivemos,
como a do filho que não nasceu
e que seria agora
jovem e pleno.

Abraços e beijos não dados
gesticulam e estalam em agonia.
Ademanes suaves de um certo dia belo
que não houve
espiralam sobre a laje
e se desfiam.
Horas que não partilhamos
ferem com seus espinhos
nossa memória vazia.
Nela se agarram como náufragos
do navio que não foi.

Miramo-nos ainda,
já sem olhos.
Inermes como duas velas
que queimaram no mesmo prato
improvisado.
A flor de cristal e sua haste.[18]

[18] Escrito em Campos do Jordão, em agosto de 2005.

## À moda de Caeiro

Nessas manhãs frias e imóveis,
vazias de sons e de testemunhas,
pressinto ideias e pensamentos
(que por pouco se detiveram em meu cérebro),
perdendo-se sem serventia e utilidade,
à falta de proprietário designado.
O distanciamento deles torna-me
quase alegre e confortável
pelo fato de poder viver assim desatento,
desocupado, apenas assistindo vez por outra,
sem o socorro do pensamento,
essas coisas efêmeras
que o homem cria em sua cabeça
passarem  ao largo de mim,
sem deixar dor ou rasto
e sem aderirem à pele que tenho.[19]

[19] Escrito em São Paulo, em maio de 2015.

## Solidão

Uma hora a fio
para enfiar a linha na agulha
e costurar os fundilhos
de uma cueca puída.
O sabão ordinário lavou
a sua roupa do corpo e a sua pele,
enquanto a água do chuveiro
caía quase fria.
Dormiu depois e sonhou
que receberia cartas pela manhã;
que ela voltaria de onde estivesse
e que a campainha
extinguiria o silêncio de pedra do mundo.[20]

[20] Escrito em Campos do Jordão, em agosto de 2005.

## Árvore e mulher

Vem ver uma árvore
que cresceu entre as pedras
e os seixos.

E, depois que tu a vires,
dou-te meus beijos,
meu pensar em flores,
meu olhar vertical para o céu
e da vida os cheiros.

Planta tuas mãos em meu peito
até que minhas raízes
perfurem teu eito
e tu digas te aceito.[21]

[21] Escrito em São Paulo, dia 23 de outubro de 2005.

## Sabor do tempo

estilhaçamos pires e xícaras contra as alvas toalhas das
[mesas de jantar dos ditadores.
derrubamos pontes sobre as quais transitavam vozes
[obscenas de comando
contra a vida de nossos filhos livres,
nascidos e por nascer.
abrimos nossas pernas e nos deitamos no fundo dos porões
e no fundo dos carros e das kitchenettes para nos
[deflorarmos
e atravessarmos as portas do prazer.
nossas amantes deixaram de ser virgens, e homens e mulheres
rolaram sobre a terra e sobre o asfalto cantando flores e
[descompromissos
com o mundo por fazer.
falamos de liberdade em meio ao cinismo de um regime
que queria apagar a transpiração de nossos corpos
dos lençóis e alpendres.

nossos poetas cantaram até quando suas vozes
fizeram sentido, e alguns imaginaram que o caminho
estava preparado, a terra pronta para a semeadura,
os lábios feitos para beijar e declamar.
fizemos os homens descabidos apearem de seus tronos
e ali plantamos outros
para renovar o mundo que exigia um rosto novo

e um outro alvorecer.

outros homens descabidos subiram ao poder,
ceifaram as raízes de nosso espírito,
corromperam a nossa casticidade,
os nossos cantos,
e por fim mudaram o nome
de nosso país.

somos expatriados.
hoje é quase impossível lembrar de nós,
homens e mulheres
que se amaram um dia --
e por esse amor respiraram e lutaram.[22]

[22] Escrito em São Paulo, no dia 7 de setembro de 2006.

## Cortiço
(uma versão)

Pronto, cheguei em algum lugar.
Abandonei-me. O chão é meu.
Enterrei o punhal no peito da terra.
Cravei as unhas nas urtigas.
Penso que poderia ficar muito cansado e dormir,
mas o sono não chega.
Poderia, ao invés, acordar meus brios
e correr pela campina, pelas praças,
mas a ideia que na mente sacudo
não me alicia.
Abro as cartas sobre a mesa.
Poucas e secas
e requento a comida.
A cidade é um motor de monotonia.
Penso nos beijos que não ganhei,
e mais ainda nos que não te quis dar.
Penso no sopro do vento que não tocou
a vida. Pressinto que sou
um hiato no meio de uma palavra impronunciada,

um verbo sem asas, um par de asas sem verbo,
quase um cacoete, que se repete
por razão nenhuma.[23]

[23] Escrito em julho ou agosto de 2006.

## Cortiço
(outra versão)

Pronto, cheguei em algum lugar.
Mas não é minha casa.
Enterrei o punhal no peito da terra.
Cravei as unhas nas urtigas.
Penso que poderia ficar muito cansado e dormir,
mas o sono não chega.
Abro as cartas sobre a mesa
e requento a comida.
A cidade é um motor de monotonia.
Penso nos beijos que não ganhei
e no sopro do vento que não tocou
meu corpo.

Indago: quando foi
que arrancaram o poder de meus braços e pernas?
Quando foi que perdi
as ferramentas que burilei no exílio,
no desterro, para demolir
o que me incomodava?
Terá sido ao chegar aqui, terá sido
naquela noite em que me vi
com lágrimas nos olhos em frente
ao espelho, comovido pelos meus

constantes enganos?
Terá sido quando parei de ouvir
minha própria voz gritando nas ruas?
Abro a janela e na grande avenida
circulam os comboios oficiais
da mentira e da fraude.
Baionetas passam sob o meu queixo,
trazendo na ponta uma palavra de mentira
e uma advertência.

Por ter perdido o ódio,
não sou correligionário de ninguém.
Por falta de amor o telefone emudeceu
para sempre em minha vida.
Por incapacidade de adesão
fiquei esquecido e a história
pateou sobre o meu rosto,
deformou a fisionomia de minha guerra
e de minha verdade.
Perdi o momento para integrar o coletivo.
E não tive forças para ordenar a mim mesmo
que seguisse só e vivesse.
Espero por vezes que alguém bata
à porta e me dê um emprego na repartição
(uma cadeira sólida e uma mesa
atrás de alguma coluna),
ou apenas um soco bem dado,
no estômago.
Ou que  apenas se desculpe por ter
errado de endereço.

Necessito que alguém retire
as algemas que constringem

meus nervos e veias
e diga apenas
'pode ir.'

Sob a janela o comboio oficial passa.
Talvez continue a passar
até o fim de meus dias.
Desfilando sua inquebrável
esteira de escárnio contra o espírito
e a luz.
Debruçado sobre o parapeito da janela
sinto em meus cotovelos o cortiço inteiro
trepidando, prestes a desmoronar.[24]

[24] Escrito em São Paulo, no dia 22 de setembro de 2006.

## Parábola carnal -- uma evocação

Naqueles tempos
comíamos pizza
e nos amávamos
enquanto os militares
vigiavam a noite de nossos instintos.

Naqueles tempos
eu lambia teus pelos
e sugava o futuro
que teu rosto desenhava
em graves suores e congeminações.

Naqueles tempos
nossas estreitas cinturas
eram uma promessa
para nos esquecermos do tempo
e amanhecermos revolucionários.[25]

[25] Escrito provavelmente no final de 2006 ou início de 2007.

## Quarup – outra evocação

No dia em que o quarup de um homem bom foi lançado em festejos no rio, assisti da margem, o sol poente escorrendo sobre os tons vemelho e amarelo do tronco-símbolo.
O vermelho, sua determinação, força e verdade.
O amarelo, sua agilidade,  pureza e hombridade.
O Xingu levou-o em seus ombros, o quarup rodopiava nas águas, girando sobre seu eixo como uma verdade empalmada; e distanciando-se de mim entregava-se ao destino da mãe-água, fim e princípio da vida.
Em instantes, o rio parecia o mesmo rio, como sempre diverso com sua constância de mudar.

As algemas de meus pés pesam,
retendo os voos de meu espírito.
O castigo a que fui submetido
é declinar da verdade.
Sou múltiplo de outros sujeitos
e o castigo também o é.

Múltiplas nossas linguagens combinadas,
que exprimem a euforia ferida e a desolação imposta,
em algaravia consternada.
Não dançaremos no futuro o quarup
para o homem de hoje. A mentira

a inércia e a indiferença coroam
os altares da ordem e encimam
a legenda do átrio da vida.

Meu olhar percorre
o sulco caprichoso do tampo de madeira
sobre o qual escrevo sem febre.
Um ínfimo Xingu se cristaliza
como fibra por entre as imperfeições da mesa.

O sujeito em mim é outros sujeitos
a presenciarem o rei agônico.
Se voz em nós houvesse articularíamos
vingança e lembraríamos de ontem.

Um bonde elétrico cruza a rua
em frente; as asas de um colibri
repinicam na armadura do vento. Martelam
meu coração em sobressalto.

Se me permitissem, voltaria o rosto
para meu vizinho, mas somos proibidos
de nos olhar.
No ar irrespirável se misturam
nossos odores corporais,
a morrinha de nossas roupas,
a dor do látego coletivo.

As araras vermelhas pousam sobre o quarup.
Homem e ave se entrelaçam entre o rio e céu.

As algemas de meus pés pesam
detendo os voos de meu espírito.
Sou gêmeo de quem a meu lado
agoniza; seus calcanhares insensíveis
depois dos choques; a cloaca
de sua boca, disforme; foram necessários
sopapos e murros para obterem
a palavra sincera e a falsa delação.
Em seu peito a água a espasmos
gorgoleja nos pulmões,
a estibordo e a bombordo, na proa e no leme,
a nau de sua vida descamba e se entrega.

O Xingu é um manto cinzento,
o sol se foi, o homem bom descansa
no regaço da mãe-água.
Terei ouvido a frase 'não suporto mais'?
Provavelmente não. Arrancaram
nossa palavra articulada. Talvez tenha sido
um grunhido, mas estamos todos mortos, ou quase.

Anseio juvenil de girar a cabeça para um lado
ou outro, esboçar um sorriso construído a custo
com minha boca sem dentes, ou apenas
trocar um olhar que dissesse 'irmão!'

Outro bonde vem de longe.
As janelas podres da delegacia estremecem.
As araras vermelhas do Xingu;
as vidas pesam em meu peito.
Com a ponta de uma faca
escrevo nele palavras de ordem,

como um anatomista tecendo planos autopsiais.

Sou outro em mim. Que pena! Foi-se a exuberante
musculatura que as mulheres acariciavam
com suas mãos pequenas.
De tanto ter sido beliscado e espicaçado
os pelos se foram. Meu peito é leito ferido,
terra fustigada, lodaçal.
Esqueci-me dos planos de nossa revolução.
Uma palavra aqui e ali, na lacuna da memória.
Nomes próprios nenhuns, palavras de comando
sem direção, várias.

O plano secreto embaralhou-se em minhas vísceras.
Não sei mais meu nome e quase não sinto dor.
Sou agora o outro em mim, escrevendo
hieróglifos em meu peito.
As araras vermelhas, a memória
do quarup do homem bom.
Minha cabeça no seio das águas,
balançando no regaço da mãe.
Tudo isso escrevo sem febre,
as araras vermelhas do Xingu,
ou terá sido o Araguaia.[26]

[26] Escrito provavelmente em 2007.

## Para a posta-restante, por favor

Tenho pressa.
Manda-me ar puro em envelopes,
montanhas em *papillotes*,
e pássaros em bando
extraídos da memória de ornitólogos dedicados.

Manda tudo para a posta-restante.
Meu trem segue adiante
triscando ferros e atravessando
as plantas fabris de enxofre e cimento,
de ferro gusa e lamento.

Deixei o humano de carne e osso envelhecidos.
Instalei-me em mim como futuro de mim mesmo,
com músculos eternos de polipropileno e feixes
luminosos de fibras óticas.
Quando ordeno sou pênis inteiro,
vagina mundividente sem arrefecimento.
Quando penso,
o universal conceito é uma máquina
deslizando entre meus dedos-neurônios.

Aprendi com Whitman

e mais que Pessoa desmantelei a ordem
dos nexos físico-espirituais,
para ser além, não outro,
não mais que eu, mas um coletivo magnético,
sem natureza definida, supranatural,
melhor diria.

Meu trem segue pisoteando
a imaterialidade do cosmo.
Bobagem pensar em Andrômeda
(lá tenho casa de campo com copeira
e máquinas de dar prazer, mas nunca vou).

O planeta  mil cento e onze Bê da Ursa Menor,
o maior de todos em que estive, é do lado de casa.
É coisa muito melhor: fazenda sempre verde,
em que se derrama na grama uma mulher imensa
que me engole e vomita
como mãe e fêmea e ri comigo
dos perigos e compromissos da morte e da vida.

Tenho pressa, caramba,
minhas férias começaram,  nem acredito,
mas é pura verdade.
Soco meu peito de aço e porcelana
e intimamente festejo:
sou macaco feroz
sem a humana alma inútil.
Para quê o risco disso?

Tenho pressa e meu aço brilha

com a promessa do sol de amanhã.
Manda-me se puderes o que pedi,
que é pouco, manda logo para a posta restante,
que o trem corre e perfura ígneo a esfera vítrea
do tempo.[27]

[27] Escrito provavelmente em 2007.

## Advertência a um interdito

Devo dizer-te, velho, mesmo que inutilmente,
que estás só, e que teus conhecidos, aposto,
são hoje lembranças mortas, nomes de pontes
praças e ruas, por onde trafega a indiferença,
e agora não te dizem mais
o que outrora disseram.

E que a mulher que mais quiseste
(sempre há alguma) já soprou
as 70 velinhas do bolo de seu aniversário
(velinhas ordinárias compradas na feira,
estocadas como uma adaga na superfície
da cobertura de glacê gretada e opaca do bolo)
e não se lembrou de convidar-te para a festa.
(Linda por sinal, presentes todos os queridos,
com certeza.)

Imagino também que teus filhos bastardos
nunca souberam teu nome, velho,
mas buscaram banir inconscientemente
os defeitos teus, tatuados nos genes
de seus rebentos, por precaução.
Enfim, tua janela fechada me diz

que não prestas para pai, avô ou placa de rua.
Imagino ainda que quando jovem
congeminavas envergonhado, não negues,
os mesmos planos que todos no íntimo
entretecemos em nossas horas de ócio,
mas só concretizaste delitos de abstinência.

O epítome de tua vida, velho,
é aquela janela sempre fechada --
atrás da qual escandes nosso destino --,
e que dá para a rua por onde passo
duas vezes por dia, cada vez mais indefeso.

Tua presença constante, velho,
suscita conversas estranhas entre os vizinhos,
de hábito expansivos, solares e óbvios.
Dizem eles que morreste, já, ou que mudaste dali,
dizem até que não és velho, que tua casa
é uma carcaça vazia de história,
plantada no mundo como uma pedra inamovível,
no meio de nosso caminho.
Dizem até que és um símbolo oco
do que não somos na vida, do que não pudemos
enfrentar, do que escapou de nosso destino
e fingimos poder restituir em seu pleno sentido.

Tua janela, digo-te eu, tua janela fechada
faz-nos um mal terrível, e digo-te isso
como uma advertência grave.
Sei que alguns vizinhos partirão daqui, em breve,
para esquecer-te,  para reconstruir suas vidas
sem tua presença. Mas eu ficarei.

Até que abras a janela, até que nos fale
do púlpito, até que me libertes.[28]

[28] Escrito provavelmente entre 2007 e 2008.

## Ditador

Morreu o ditador.
Enforcaram-no com as tranças
de uma justiça afrontada
pela verdade infame dos fatos.

Mas não morreu
o ditador em nós.
Continuamos a submeter nosso destino
ao sacrifício da desigualdade social
e da indigência.
Em nome de nossos projetos
e de nossas elocubrações desfiguradas
agimos lentamente,
nosso extermínio é aleatório, inconstante,
mas obsediado pela nossa cegueira
e pela falta de humanismo
de nossos atos.

Que importa, ninguém nos observa
ou julga.
O planeta espera homens com grandes gestos
devastadores gestos,
mas somos treinados para a sabotagem e o disfarce.

Minamos os alicerces de nossas vidas e de nosso futuro.
Mil campos de Treblinka, um milhão deles,
sob o sol alaranjado do poente, nos esperam.

Matamos o ditador,
mas nossos coturnos
estão encharcados de sangue.
Edificamos a barricada de nossa palavra,
mas com nossos talantes
esmigalhamos as poucas verdades duradouras.

Matamos o ditador,
Mas ele é mais forte em nós.
Esbofeteamos nossos filhos desorientados
mas dobramos o espinhaço
aos que jogam moedas no picadeiro
onde fazemos nosso abominável número

Matei o ditador,
mas mais ainda teu corpo em mim.
Estanquei sem piedade
o arrebatamento de teu beijo
em minha boca
e teu cicio manso e aveludado
em meus ouvidos.
Recusei a dar-te o oxigênio e a chuva,
o rolar das esferas meigas sobre a pele,
o alvorecer plácido do olhar.

Matamos o ditador,
o sangue de suas vísceras

escorreu por nossos dedos
e penetrou em nossas chagas abertas.
Sua seiva começou lentamente
a transformar a nossa.
Absorvemos com ela sua energia e sua intolerância.
suas feições e modos
tornaram-se os nossos.
Vestimos a sua farda
e penduramos no peito suas medalhas
forjadas no covil da fraude.
Em nossa cabeça seu quepe verde,
e por encanto todas as suas ideias.
Assim, começamos a dar ordens
uns aos outros.
Mandamos prender e fomos presos,
mandamos matar e fomos mortos.
Agora somos seus filhos e seu pai.
Ele foi vingado em nós,
em nosso massacre ele foi redimido, enfim.

Morreu o ditador,
mas não morreu em nós.
Mordo teus mamilos
com a fúria vingativa
dos invasores inconsequentes.
Minhas falsas verdades
digladiam com as tuas,
até que alguém sucumba de cansaço.
E esse alguém é mais poderoso
que a tua feminilidade
arrepiada, mas ainda dócil.
Arranco contra a vertigem
das tuas ancas
e as leis sucumbem

sob os espirais da força bruta
que não contenho.
E na minha submissão ao desejo
de dominar
domino-te até que a morte de tua voz
seja um fato consumado.[29]

[29] Escrito em fevereiro de 2007.

## Mulher muda em tela de museu
## (uma investigação sobre a eternidade e o cotidiano)

O retrato mira-nos e remira-nos.
Nem mesmo pulsam
suas palavras inauditas.
Teriam sido palavras arredondadas
como seus lábios, se as ouvíssemos?
Deles transbordaria uma confissão inesperada,
como "perdi tudo, dissipei-me
no movimento contínuo da vida"?
É quase como se ao neles me deter
falassem para mim agora.

"Somos por ora apenas instrumento da luz
e do disfarce.
Melhor assim, meu corpo
fala sem falar com aqueles lábios
e ama e desama sem a voz e o trato.
Não posso dizer mais.
Minha boca está travada,
aprisionada no último gesto do pintor pré-rafaelita,
no último monossílabo impróprio
que ecoa de outro século.
Minha voz aglutina seu ímpeto
no rebrilho dos olhos
e no fogo das mãos,
uma, dorso, outra, palma.

Meu espírito dança
imaginando o movimento de ambas.
Mas sofre, com a mordaça nos lábios,
a música eterna, ecoando da era em que vivi,
boiando em meus ouvidos.
Sou agora o pranto da cor
e as formas em mim sempre belas,
jorrando dos holofotes.
Sinto que pedem que cante,
que vire o rosto para exibir
o colo e o pente de uma dançarina espanhola;
que me aproxime e deixe ver melhor
o rubi que é quase
um coração colado ao peito;
que deixe que toquem a carne
de meus braços e meu rosto empoado
e eufórico de danças e coquetismo
e arrebatamento.
Querem ver minhas sapatilhas
e meu tornozelo. Não posso mostrar
mais do que mostra o pintor.
Sou cor e movimento emparedados.
Exibição de falsa alma,
tantas vezes alma
quantas vezes pressentida.
Alma, em suma, mil vezes multiplicada."

O retrato mira-nos, espectadores,
e ao nos afastar dele
desenlaçamo-nos de seu silêncio
e de sua eternidade.
Nesse momento dilata-se ainda mais
o abismo do tempo entre nós,
que é uma espécie de essência

que goteja sobre as coisas
e muito especialmente
sobre o piso do museu.

Ao sair para a rua
somos novamente insulados
e tristes.
E temos novas dúvidas também.
Corremos para alcançar o *tramway*,
Tomamos nosso chá em casa,
ou tomamos o chá na confeitaria
da próxima esquina
e vamos para casa depois?[30]

[30] Escrito provavelmente entre 2007 e 2008.

## Mão banhada de sol

No ronceiro ramerrão,
caminho em silêncio
pela rua do bairro.
Um distendido conforto provisório
fala em meus gestos iguais,
como se eu tivesse aprendido algo.

Estou nu,
assim as árvores
e os pássaros,
os prédios e as alcovas
bem abrigadas.
Temo ser alvejado
por uma bala perdida
ou um beijo de traição,
e prossigo a despeito
de olhares oblíquos,
lançados através
do cortinado roto de janelas ociosas.

O final de minha rua
desemboca em um largo.
Vazio, quase sempre,
por onde cruza o vento.
Nos dias quentes

o sol cresta o paralelepípedo do calçamento,
banha meus pés,
os chapéus dos raros transeuntes --
e escorre pelo piso,
perseverante e dominador.

Entrego-me à luz.
Sento-me sob a ideia de uma árvore
que não há.
(Os fundilhos sobre a guia da rua.)
E escrevo,
com a lâmina da palavra,
enquanto o suor
goteja no papel e em minha perna.
Não sei que nome pronuncia o astro,
nessas ocasiões.
Não importa.
Está lambendo o suor
de minha mão agora,
incendiando minha pena
e forjando a primeira frase
de um dia sem inaugurações.[31]

[31] Escrito provavelmente em 2013.

## Sob o gelo

Um corpo atravessa
a fria água do sonho
e alcança outro.

há refulgências de sóis
e penugens rebrilhando
sob a luz da vela.

deitam-se os corpos
na entretela de gelo.
nela enredam-se
teia, veia, artérias,
mãos e bocas
estiradas sobre o abismo,
saudade, istmo,
ele e a bela[32]

[32] Escrito provavelmente em 2014.

## Alienação

Hoje, sinto-me bem como se tivesse feito tudo
e na melhor, mais adequada e consequente maneira.
Miro as nuvens cinzentas neste fim de tarde;
são monolitos de pedra flutuantes deslizando em um
[caminho aberto,
Muito plano e macio como o algodão desenfardado.
No meio deles um fiapo de azul teima em emergir
por uma longa fenda sinuosa.
As rochas aéreas avançam, empurradas pela ventania,
e a veia de profundo azul as acompanha, resistente e
[prisioneira.
É uma felicidade única estar vivo e presenciar tudo isso,
mesmo que o foie gras seja caro
e eu tenha sede
de inusitadas experiências, ou de mais silêncio.

Estou em acordo comigo. A veia zul de céu
cruza meu espírito e me atravessa como coisa minha.
Fiz muito, construí bem,
Dei cabo de tarefas, pus um fim.
Faltou-me na vida, contudo, certa música povoada
de belos acordes,
e nas horas vividas gestos duradouros sem ferimento;
e nas frescas noites dormidas
mais repouso que amortecimento,

e nas horas de fome mais voracidade e ímpeto,
e nas horas saciadas mais entendimento e promessas
[honestas
-- e um melhor entendimento da mansidão alegre.
De qualquer modo, superei aflições pontuais
e estou prestes a inaugurar mais um mês de dezembro,
[em minha história,
como quem aposenta os velhos ternos sociais,
embora pouco usados,  e a coleção de bengalas
[de castão de prata
(reservadas para as noites de cristais e gala)
-- e recusa um crediário atraente para meias,
gravatas e lenços de bela estampa;
ou como quem não se sente obrigado a fazer um balanço
[de sua vida.
Não há contas a haver ou a dever.
Não há reparações ou vendetas, valores a repor,
saldos de contas a transferir ou a repassar.
Sou um forasteiro remido, apenas,
mas infelizmente jamais uma ave.

A eternidade sempre sonhada pelos outros
é uma vergonhosa perda de tempo,
por isso seu aceno insinuante me deprime
e me torna ainda pior do que sou.
Tenho entretanto que declarar, para quem me quiser ouvir,
que minhas mãos estão limpas e puras;
e que já não trazem as marcas de minha violência e de meu
[amor;
estão agora inteiramente isentas de história ou de remorso.
Escondo sua palidez, enfiando-as nos bolsos da calça,
que são vazios como se andasse
pelo mundo
com as mãos guardadas em bolsos

de folgados pijamas de flanela,
numa intimidade sem fim
que jamais deixará de ser só minha;
e a rua que escolhi fosse plana,
feita para de tudo sem esforço se afastar,
e acolhedora para quem não sabe se quer ir.[33]

[33] Escrito em Paris, em abril de 2013, revisto em Campos do Jordão em novembro de 2014 e em maio de 2015.

# American Poems

1

At last at home
in this foreign and distant
nameless country.
At last foreigner and disguised
in this place of translucid fraternity and wit.
Of grief and long-lived boredom.
At last not myself on the way to myself –
steady journey from the past.[34]

[34] Escrito em New Haven no inverno de 1997.

2

It is a misbehavior, lack of obeyance.
It is a verb conducted by the persuasive mices
of mind.
It is a little work of  art done by heart.
A fight against fear.[35]

[35] Escrito em 1996.

3

Probably a word of mine
was spelled amidst the charivary,
brutalized voices and dispaired screams.
Nobody heard it, certainly.

On the counterpart you denounced
the very precise intentions
of your spirit, in a clear way.

Your voice upraised above
the embroidered daisy flowers table cloth,
the silver cutlery,
the flameless crystal glasses.

My name or some word very similar
you pronounced –
and the strained blood of my veins -- and yours, too --
feverish became promptly, but delightfully.
Other sounds, rage and beings no more seem to exist.[36]

[36] Escrito em agosto de 2003.